

COMO NASCE UM "CAVEIRA": o Sofrimento como instrumento na formação de um policial de Operações Especiais de uma Corporação policial militar do Brasil

João Paulo Fiúza da Silva

Mestre em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Capitão da Polícia Militar de Minas Gerais.

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo discorrer sobre o processo de formação do policial de operações especiais de uma corporação policial do Brasil, onde se observa uma dinâmica de submissão do policial por um período de quatro meses a atividades que provocam intenso sofrimento físico e psicológico, inconcebíveis em outro contexto, mas totalmente naturalizados no que poderia ser denominado como o nascimento de um agente especializado conhecido como “caveira”. Busca-se, portanto, estabelecer uma relação, de forma exploratória, entre imposição de sofrimento físico e psicológico e a noção de preparo para o exercício da atividade policial em situações especiais. Como pressupostos teóricos foram utilizados os estudos relacionados à socialização do indivíduo nas organizações (BOURDIEU, 2004; BERGER E LUCKMAN, 1996; FOUCAULT, 1999; CASTRO, 1990), visto que, conforme demonstrado na pesquisa, ser um policial de operações especiais é o mesmo que integrar um grupo à parte em relação às corporações a que pertencem. Quanto aos aspectos metodológicos, a pesquisa teve objetivo exploratório e valeu-se de abordagem qualitativa. Para a coleta de dados foi utilizada a técnica de história oral (ALBERTI, 1989; CAMARGO, 1984). Os dados obtidos foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo em profundidade (BARDIN, 2005), buscando-se estabelecer a relação entre o discurso do entrevistado, a partir dos seus significantes, e o referencial teórico utilizado. Os achados evidenciaram a existência, de fato, de práticas deliberadas de imposição de dor e sofrimento aos participantes dos cursos de operações especiais, com o objetivo de seleção, socialização e depuração do sujeito.

Palavras-chave: Policial. Formação. Socialização. Militar.

ABSTRACT: This paper aims to discuss the process of training of the police officer of special operations of a police corporation in Brazil, where there is a dynamic of

submission of the policeman for a period of four months to activities that cause intense physical and psychological suffering, unacceptable in another context, but totally naturalized in a process that could be termed the true birth of a specialized agent known as a “skull”. Therefore, we seek to establish an exploratory relationship between the imposition of physical and psychological suffering and the notion of preparation for the exercise of police activity in special situations. As theoretical background were used studies related to the socialization of the individual in organizations (BOURDIEU, 2004; BERGER AND LUCKMAN, 1996; FOUCAULT, 1999; CASTRO, 1990), since, as shown in the research, being a special operations police officer is the same as joining a group apart from the corporations to which they belong. As for the methodological aspects, the research had an exploratory objective and used a qualitative approach. For data collection the oral history technique was used (ALBERTI, 1989; CAMARGO, 1984). The data obtained were analyzed using the technique of in-depth content analysis (BARDIN, 2005), seeking to establish the relationship between the interviewee’s discourse, from its signifiers, and the theoretical framework used. The findings evidenced the existence, in fact, of deliberate practices of imposition of pain and suffering to the participants of the special operations courses, aiming at the selection, socialization and purification of the subject.

Keywords: Policeman. Formation. Socialization. Military.

1 INTRODUÇÃO

A formação dos policiais, sejam civis ou militares, é marcada pela peculiaridade da natureza da sua atividade, como afirma Paes de Paula e Moraes (2010) “o policial faz aquilo que Hughes (1962), conforme cita Carmo, Oliveira e Arruda (2006), chama de *dirty work*, ou seja, tarefa socialmente degradante. As polícias e seus policiais lidam com a escória do sistema social (CRUZ, 2005), aqueles que os normais (GOFFMAN, 1975) esperam que sejam mantidos fora de seu contato pelo Estado”.

É reconhecido que para ser policial não basta ter um cabedal de conhecimentos ou procedimentos técnicos, pois há no desempenho de sua função uma carga considerável de subjetividade e a demanda por habilidades emocionais necessárias à tomada de decisões em situações de tensão e conflito. Essas decisões podem desaguar em resultados com repercussões irreversíveis e com grande comoção social, tal como a morte de um indivíduo, por exemplo (CUNHA, 2004 apud PAES DE PAULA e MORAIS, 2010).

Neste contexto, o artigo tem por objetivo discorrer sobre o processo de formação do policial de operações especiais de uma corporação policial do Brasil, onde se observa uma dinâmica de submissão do policial por um período de quatro meses a atividades que provocam intenso sofrimento físico e psicológico, inconcebíveis em outro contexto, mas totalmente naturalizadas no que poderia ser denominado como o nascimento de um agente especializado conhecido como “caveira”. Carregado de mística dentro e fora da corporação policial, considerado como um ser diferente, superior aos demais policiais e convocado para atuar sempre que os esforços ordinários não forem suficientes para solucionar um problema de segurança pública.

Pretende-se demonstrar que existe uma prática intencional que busca a transformação de um policial comum em um policial especial e, para tanto, é preciso que este passe por situações que só podem ser superadas por indivíduos que não são considerados comuns e, por isso, merecedores de ostentar o símbolo da caveira trespassada pelo punhal, ícone das forças especiais em todo o Brasil e em vários países do mundo.

Busca-se, estabelecer uma relação, de forma exploratória, entre imposição de sofrimento físico e psicológico e a noção de preparo para o exercício da atividade policial em situações

COMO NASCE UM “CAVEIRA”: o Sofrimento como instrumento na formação de um policial de Operações Especiais de uma Corporação policial militar do Brasil

especiais. Todavia, não foram tratados os aspectos técnicos do treinamento policial e militar que fazem parte do curso. Logo, embora sejam de conhecimento do autor, não são parte da análise proposta.

Este trabalho está dividido em quatro partes, além desta introdução, quais sejam o referencial teórico, os aspectos metodológicos, a discussão dos dados obtidos na pesquisa e por último as considerações do autor sobre o objeto em análise.

2 O SOFRIMENTO E SUAS APLICAÇÕES NO CONTEXTO MILITAR

Para os fins do presente artigo, o termo sofrimento deve ser compreendido como a dor física ou a tensão psicológica provocada intencionalmente nos indivíduos no contexto do treinamento militar ou policial-militar. Sabe-se que as pessoas reagem diferentemente a tais estímulos, mas é certo que o resultado pretendido ocorre em maior ou menor medida segundo condições pessoais e de contexto e com efeitos também diferentes (DEJOURS, 2007).

O sofrimento está intrinsecamente relacionado à história da humanidade, tendo sendo-lhe atribuído diversos significados, tais como fonte de inspiração para o Byronismo, meio de obtenção de prova durante toda a Idade Média e início da Idade Moderna, pena aplicável a crimes hediondos, de imposição de disciplina aos corpos (FOUCAULT, 1999), dentre outros.

Morris (1991) afirma que no decorrer da história a dor e o sofrimento sempre tiveram as mais variadas interpretações e em grande parte das culturas sempre tiveram atribuídos para si a capacidade de transformação do indivíduo, que a partir da superação de tais experiências passaria a ser mais forte. Ser forte, aliás, parece ser a característica mais desejada para o militar,

mesmo havendo diferenças nas formações entre militares que irão exercer funções de comando e funções de execução, os quais passariam por uma pedagogia moral ou corporal (ROSA e BRITO, 2010), respectivamente, denota-se que o principais atributos exigidos do militar são sempre a rusticidade e a resistência, isto é, a capacidade de resistir à dor e ao sofrimento, ou não resistindo, de jamais confessá-los (HARPER, 2006; BRASIL, 1998).

Sentir dor ou sofrer se faz presente desde a iniciação do militar na sua vida castrense e o acompanha, a partir de então, em toda sua vida. Ora no contexto dos treinamentos tipicamente militares, ora porque necessita dissimular sua dor para não parecer fraco ou preguiçoso frente aos colegas, subordinados ou superiores (HARPER, 2006, p. 548). Lidar com a dor e sofrimento, portanto, compõe o próprio ethos militar e passa a atuar como um mecanismo de disciplinamento dos corpos e, principalmente pela característica masculina da profissão, trata-se de uma demonstração de quem é realmente homem:

In the past, harsh discipline was used to maintain military ethos and personnel undertook difficult, often painful, activities. Emphasis was placed on suppressing emotions and remaining silent when injured so as not to upset comrades and show that personnel were “real men”²¹ (ZBOROWSKI, 1969).

Fica evidente que tais construtos (dor e sofrimento), que incipientemente poderiam ser considerados como não intencionais e apenas decorrência dos diversos testes, exercícios ou das atividades que muitas vezes compõem os treinamentos militares, são na verdade carregados de intencionalidade e possuem pelo menos três funções que podem ser respaldadas

²¹ No passado, disciplina severa foi utilizada para manter o ethos militar e para submetê-los a tarefas difíceis e, muitas vezes, dolorosas. Ênfase era dada ao domínio de emoções ou mesmo em permanecer em silêncio em caso de ferimentos, de modo a não afetar os demais companheiros, demonstrando que a tropa era formada por homens de verdade (Tradução livre do autor).

COMO NASCE UM “CAVEIRA”: o Sofrimento como instrumento na formação de um policial de Operações Especiais de uma Corporação policial militar do Brasil

pela literatura: de seleção, de socialização e o que o poderia ser definido como de distinção ou diferenciação.

Quanto ao primeiro aspecto, Castro (1990) ao realizar estudos antropológicos na Academia Militar das Agulhas Negras do Exército Brasileiro, onde se formam os Oficiais daquela Força Armada, relata que nos primeiros dias de curso, quando ocorre a chamada ambientação, os alunos são submetidos a intensos exercícios físicos e a abordagens carregadas de pressão psicológica, onde os novatos são pressionados o tempo todo a desistirem. Segundo relata o autor há um discurso explícito por parte dos instrutores de que aquele período é exatamente para separar os que querem dos que não querem ser militares, pois aqueles que quiserem precisam se submeter às privações a que estarão sujeitos durante todo o período de formação e também na carreira. Nas palavras de Harper (2006), há uma crença de que *“pain and suffering are necessary has also been expressed through the saying ‘no pain, no gain’²²”,* ou seja, não se pode ser militar se não for capaz de superar limites físicos e psicológicos, mesmo que impliquem em dor ou sofrimento. Mas é nos rituais de socialização à instituição militar que os processos de submissão a sofrimento se mostram muito mais evidentes.

Como asseveram Rosa e Brito (2010) há todo um conjunto de práticas “que visam, sobretudo, a uma espécie de dominação total do sujeito, ou seja, possuí-lo de corpo e alma na organização militar”. Daí a importância da educação física no campo militar, na medida em que expõe o corpo a uma ‘maquinaria’, um conjunto de exercícios corporais (ordem unida, maneabilidade etc.) que visam a ‘fabricá-lo’ por meio do treinamento ‘ortopédico’, tornando-o submisso, dócil e útil. Obtendo dele “uma adesão que o espírito poderia recusar” (BOURDIEU, 2004 apud ROSA e BRITO, 2010).

²² [...] “dor e sofrimento são necessários podem ser expressos também pelo jargão “sem dor, sem ganho” (Tradução do autor).

É durante a socialização que ocorre o que Van Maanen (1989) denominou de despojamento, em contraposição à investidura, no qual o novato é submetido a rigorosos testes para obter

acesso privilegiado na organização. O sofrimento durante o processo despojamento promove, por si só, uma forte solidariedade entre aqueles que se submeterem ao mesmo processo, para se tornarem membros da organização.

Passar por exercícios físicos rigorosos, superar o estresse da cobrança e da rispidez dos instrutores e superiores hierárquicos, passar por privação de alimentação, banho, sono e outras restrições, incentiva a cooperação coletiva, o senso de igualdade, o espírito de corpo e a disciplina. A disciplina torna os corpos dóceis (dominados) e ao mesmo tempo úteis, a partir de um processo de adestramento que retira a autonomia do corpo, mas que desenvolve nele habilidades úteis ao dominador (FOUCAULT, 1999).

As experiências de sofrimento funcionam como um reforço ao processo de dominação do corpo e da mente do militar, em que os novos membros do grupo “estão sujeitos ao que Berger e Luckmann (1996, p. 207) denominam de ‘alternação’, cuja dinâmica se baseia numa ‘transformação quase total, isto é, na qual o indivíduo ‘muda de mundos”, esse processo ocorre por meio de uma ação pedagógica violenta do ponto de vista simbólico que, nas palavras de Bourdieu e Passeron (1982), busca matar o ‘velho homem’, gerando um novo habitus”.

Por fim, percebe-se, noutro giro, que dor e sofrimento, ou melhor, a superação destes, está inextricavelmente presente no arquétipo de um bom militar, na medida em que há uma supervalorização daquele que tenha passado por experiências que o submeteu a situações extremas, seja de dor física ou sofrimento psicológico, colocando-o em outro nível – diferenciação - em relação ao civil e, inclusive aos próprios militares que não tenham experienciado

COMO NASCE UM “CAVEIRA”: o Sofrimento como instrumento na formação de um policial de Operações Especiais de uma Corporação policial militar do Brasil

circunstâncias semelhantes. Como declara Foucault (1999) “O Soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe; **que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho: seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia**” (grifo do autor).

3 A HISTÓRIA DA CAVEIRA: O SIGNIFICADO DE SER “OPERAÇÕES ESPECIAIS”

É típico das organizações sejam públicas ou privadas utilizarem símbolos para reforçarem sua coesão de grupo ou para serem reconhecidas perante o público externo. Os símbolos são objetos, atos, eventos, qualidades ou relações, e formações linguísticas que apresentam diversos significados (BEYER e TRICE, 1984) e que evocam emoções e impelem pessoas a agirem. A construção simbólica serve como meio para a formação da identidade organizacional (TOMEI e BRAUNSTEIN, 1993).

Nas organizações militares, o uso de símbolos é uma característica marcante. Bandeiras, distintivos, insígnias e sinais são fartamente utilizados para estabelecer singularidade identitária a grupos ou serviços prestados por unidades integrantes da força militar: engenharia, serviço de saúde, material bélico etc. Mesmo pertencendo a um único órgão, é peculiar a grupos nas forças militares valerem-se de simbologia própria para reforçar a identidade grupal. É neste contexto que se encontra o símbolo da caveira trespassada pelo punhal, que é utilizado por todos os militares e policiais, militares ou civis, que concluem com sucesso o curso de operações especiais.

A origem do símbolo da caveira trespassada pelo punhal (FIG. 01) é controversa, imprecisa e carregada de mitificação, mas a versão que toma mais força no Brasil é de que a inspiração de tal simbologia teria se dado no contexto da Segunda Guerra

Mundial. A narrativa é que as forças especiais inglesas, cujo símbolo era um punhal, teriam logrado êxito na invasão de uma base das forças especiais da Alemanha Nazista, simbolizada por

uma caveira, ocasião em que deparando-se com um crânio sobre a mesa do comandante das forças alemãs, o comandante das forças inglesas teria trespassado o objeto com o seu punhal, ao que foi atribuído o significado da vitória sobre a morte (COTTA, 2012).

A partir de então, segundo Cotta (2012), o ícone constituído por uma caveira trespassada por punhal passou a ser apropriado por todas as forças especiais de polícia e de exércitos do mundo.

Figura 1 – “Faca na caveira”. Símbolo das forças de operações especiais utilizadas por parte das polícias brasileiras.



Fonte: https://scontent.cdninstagram.com/hphotos-xaf1/t51.2885-15/e15/11311314_841111609308453_1522156486_n.jpg. Acesso em: 04 Jul 2015.

COMO NASCE UM “CAVEIRA”: o Sofrimento como instrumento na formação de um policial de Operações Especiais de uma Corporação policial militar do Brasil

Para os que compõem os grupos representados pelo símbolo da caveira trespassada pelo punhal, ostentar este distintivo é dotado de enorme significado. Enquanto o ícone representa a vitória da vida sobre a morte (COTTA, 2012; BOTELHO, 2008, p. 42), ao seu portador é atribuída a capacidade de realizar tarefas que aos comuns não é possível (GARCIA, 2009). Cotta (2012) explica que o surgimento destes tais grupos especiais, denominados genericamente de Forças Especiais, remonta a ofensiva dos Aliados contra a dominação nazista na Europa na década de 1940:

O conceito de Commandos com o foco na defesa da Liberdade e dos Direitos Humanos surge exatamente nesse momento da história mundial. Os Commandos são caracterizados **por serem grupos militares pequenos altamente treinados, motivados, com capacidade para cumprir missões com relativa autonomia de recursos e com rapidez**. Eles datam de início da década de 1940 e foram idealizados pelos britânicos para operações contra os nazistas inicialmente no norte da África. Os Commandos foram criados por Winston Churchill que se inspirou nas características dos Kommandos Boers, da África do Sul. (grifo do autor)

No Brasil, a história das Forças Especiais tem o seu início com o Exército Brasileiro na década de 1950, quando um grupo de paraquedistas é treinado para realizarem um resgate de vítimas de um acidente aéreo em área de floresta (GARCIA, 2009, p. 96), havendo a proliferação de cursos semelhantes posteriormente em outras forças militares e também em organizações policiais civis e militares do país.

Os cursos de operações especiais têm concepções pedagógicas e finalidades diversas, conforme a corporação que o desenvolve, mas há características comuns a todos os cursos de todas as corporações que é a grande exigência física e psicológica, a intensidade de atividades de treinamento que perduram por meses em condições que demandam dos participantes

rusticidade e resistência. Haja vista o edital de seleção de futuros candidatos ao curso de operações especiais da Polícia Militar de Minas Gerais que assim dispõe:

Para trabalhar em Operações Especiais, o policial necessita das seguintes habilidades: operar em situações de alto stress, em condições climáticas adversas; portar grande número de armamento e equipamentos, por vezes em jornadas extensas de trabalho; realizar deslocamentos em ambientes diversos, com víveres escassos, com tempo reduzido para recuperação e descanso; transposição de obstáculos; natação utilitária; flutuação; desequipagem em meio aquático; passagem ou transposição de obstáculos a grandes alturas, dentre outras (MINAS GERAIS, 2015, p. 01).

Como é autodeclarado pelo Centro de Instrução de Operações Especiais em seu sítio na rede mundial de computadores “os comandos são uma tropa profissional, que dispõe dos melhores armamentos e equipamentos do Exército Brasileiro. **Possui elevado preparo técnico e mantém o preparo físico acima da média**” (BRASIL, 2019, grifo nosso). Há, pois, toda uma áurea de sobrevalorização do militar ou policial que ostenta o emblema da caveira, a partir da compreensão de que para obtê-lo grande foi o sacrifício e o sofrimento físico e psicológico ao qual se presume que ele foi submetido, logo, não é tido como uma pessoa comum.

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa que fundamentou o presente artigo foi desenvolvida com objetivo exploratório a partir de abordagem qualitativa. Para a coleta de dados foi utilizada a técnica da história oral, metodologia voltada à pesquisa de temas contemporâneos, tanto nos estudos organizacionais como em outros campos das ciências sociais.

Objetivou-se a “recuperação do vivido, conforme concebido por quem viveu” (ALBERTI, 1989, p. 5), recorrendo à memória do entrevistado como fonte principal para a construção do

COMO NASCE UM “CAVEIRA”: o Sofrimento como instrumento na formação de um policial de Operações Especiais de uma Corporação policial militar do Brasil

conhecimento (NEVES, 2001). A história narrada por quem a vivenciou “do lado de dentro” (CAMARGO, 1984) representa uma das melhores maneiras de compreender a realidade, visto que permite recuperar aquilo que não é encontrado em documentos de outra natureza.

A pesquisa por meio do método da história oral tem, conforme apresentado por Vergara (2005), dois caminhos a seguir: a pesquisa temática ou a história de vida do entrevistado. Enquanto na pesquisa temática privilegia-se a percepção do entrevistado em virtude de sua participação em determinado evento, a história de vida ocupa-se da vida do entrevistado

como um todo. Para os objetivos deste trabalho, foi utilizada a pesquisa temática, focalizando-se uma experiência específica do entrevistado.

Na análise dos dados obtidos, o tratamento foi realizado com base na análise de conteúdo (BARDIN, 2005), de modo a estabelecer os pontos de contato daqueles com os pressupostos teóricos utilizados como base para o presente estudo.

A coleta de dados se deu a partir de um roteiro de entrevista semiestruturado, apenas para referenciar o autor quanto aos tópicos essenciais que deveriam ser narrados pelo entrevistado, sem qualquer rigidez.

A escolha do entrevistado se deu pelos critérios de acessibilidade e conveniência do autor. O interlocutor é policial-militar dos quadros de uma força policial-militar do Brasil e frequentou o Curso de Operações Especiais da mesma instituição no ano de 2011, por um período de quatro meses, tendo concluído o curso com aproveitamento suficiente para aprovação. A identidade do entrevistado será mantida em sigilo, visto não ser

relevante para os objetivos da pesquisa e em atenção ao termo de consentimento livre e esclarecido firmado entre o autor e o entrevistado. A entrevista foi realizada no mês de junho de 2015, com a utilização de recurso de gravação de áudio e depois transcrita para análise face aos objetivos da pesquisa.

6 DOR, SOFRIMENTO E GLÓRIA: COMO NASCE UM “CAVEIRA”

A história do candidato a ser “caveira” – como são chamados os cursados em operações especiais – se inicia com um rigoroso processo seletivo destinado a policiais-militares e integrantes de outros órgãos de segurança pública, sempre por voluntariado.

O teste de seleção é composto de várias etapas que verificam a força física, capacidade aeróbica e anaeróbica, habilidades na natação e flutuação (MINAS GERAIS, 2015). O número de vagas é variável a cada vez que o curso é realizado, mas costuma girar em torno de 30 a 40, onde são os selecionados os considerados melhores a partir dos resultados obtidos nos testes. Como declara o entrevistado, a vantagem “é que a seleção só depende de você mesmo. Não precisa ter ‘peixada’, [termo utilizado para definir a influência de pessoas no sentido de favorecer alguém no contexto militar (CASTRO, 1990)] quem for o melhor consegue entrar no curso” (Entrevistado).

O entrevistado ingressou na corporação policial-militar aos 19 anos de idade e se declara como um vocacionado. Aliás, afirma que a profissão de militar é para vocacionados, é como um sacerdócio, isto é, seria um desígnio divino como defendido por Weber (1963):

Eu acredito que ser policial-militar é para vocacionados. Eu não me vejo fazendo outra coisa desde que quando entrei aqui. Sei que é impossível exigir vocação de um contingente tão grande pessoas que compõem os quadros da polícia, mas entendo que a profissão é para vocacionados sim. É um como sacerdócio. Eu ouvia isso da minha família o tempo todo, porque o meu avô era militar, o meu pai é militar (Entrevistado).

COMO NASCE UM “CAVEIRA”: o Sofrimento como instrumento na formação de um policial de Operações Especiais de uma Corporação policial militar do Brasil

Seu interesse em se tornar um “caveira” chama a atenção para a influência dos símbolos no agir dos indivíduos em uma organização, como declarado por Beyer e Trice (1984), pois estes, a partir dos seus significados evocam emoções e impelem pessoas a agirem. Isso fica claro quando o entrevistado afirma que seu interesse em fazer o curso de operações especiais surgiu quando ele se deparou com dois instrutores no seu curso de formação de soldado que usavam a “farda preta”, ou seja, seriam “caveiras”, ratificando a força do simbolismo no seu agir:

Tudo começou quando vi dois professores durante o curso de soldado. Vestindo preto (a farda de operações especiais), com uma postura diferente, com um conhecimento que chamava a atenção. Então, eu falava para mim mesmo: eu quero ser como esses caras, eu quero me vestir como eles, ter a postura que eles têm. [...] Eu pensava, um cara com uma farda tão diferente, só pode ser muito diferente. Ele é um policial especial, especializado, bem treinado. Quando eu via aqueles policiais que me inspiraram a entrar no curso de operações especiais eu via alguém que vestia preto porque era especial, que conquistou aquilo ali. O preto era algo que destacava aquelas pessoas dos demais (Entrevistado).

O que se observa pelas falas do entrevistado é que além do processo de divisão do mundo entre civil e militar, fartamente relatado nos diversos estudos sobre socialização no âmbito das instituições militares (ROSA E BRITO, 2010; BRITO E PEREIRA, 1996; ALBUQUERQUE E MACHADO, 2001) há outro fenômeno evidente que é a divisão entre militares comuns e especiais dentro da própria corporação. Persiste o discurso explícito das tropas de operações especiais de que são formadas por homens (ou mulheres, embora não haja relatos) especiais. Neste diapasão, há uma nova mudança de mundos. Antes do mundo civil para o mundo militar, agora, do mundo dos militares comuns para o mundo dos “caveiras”.

Há um novo processo de socialização que nas palavras de

Bourdieu e Passeron (1982) apud Rosa e Brito (2010), busca matar o “velho homem”, gerando um novo habitus, ou seja, segundo Berger e Luckmann (1996, p. 212) apud Rosa e Brito (2010), trata-se de um processo em que “a biografia anterior à alternância é caracteristicamente aniquilada in toto” fazendo surgir um novo homem, melhor, mais forte e mais confiável.

Ser caveira é uma responsabilidade muito grande. Quando você se forma é como se você passasse a fazer parte de uma irmandade de cursados em operações especiais. A partir do momento que você põe o brevê, significa que você foi testado em várias etapas, inclusive em integridade e honestidade, você possui disciplina consciente. Você é um cara honesto. Se eu sair daqui agora e for lá para o Amazonas e encontrar um caveira, ele vai me receber bem, se precisar ele me leva até para a casa dele, porque ele saber que pode confiar em mim. Nós dois somos caveiras. Ele passou pelas mesmas provas que eu, e, ele recebeu um “selo” de qualidade (Entrevistado).

A transformação ou processamento como é definido por Van Maanen (1975) se inicia com um processo de seleção pós-ingresso no curso. Nos primeiros dias, como relata o entrevistado, o objetivo é submeter o aluno a testes físicos e psicológicos extremamente difíceis, que infligem dor e sofrimento físico e psicológico, de modo a separar “os homens dos meninos”, os que querem dos que não querem ser “caveiras” (HARPER, 2006).

As atividades se constituem de longas marchas a pé com militares carregados de equipamentos, natação durante o período noturno em situações de baixa temperatura, exposição a agentes químicos inquietantes, exercícios físicos extenuantes, dentre outras, tudo ao som de incentivos dos instrutores para que o aluno “peça pra sair” no início do curso. Evidencia-se aí o uso da dor ou sofrimento como estratégia de seleção, embora também seja considerado pelo entrevistado como um processo de preparação do treinando para suas atividades:

O curso dura quatro meses. No início é só rusticidade, marcha, exercícios físicos, para selecionar quem quer de

COMO NASCE UM “CAVEIRA”: o Sofrimento como instrumento na formação de um policial de Operações Especiais de uma Corporação policial militar do Brasil

quem não quer ser de operações especiais. Mas insisto que o grande segredo era o preparo psicológico. Muitas vezes eu quase cheguei à hipotermia, mas me mantinha firme e não desistia. Acho que talvez na questão física, o objetivo maior é selecionar mesmo. Essa parte física é um preço, é um teste que você tem que fazer para permanecer. Mas acho que não é só isso. Quando você precisa de um policial de operações especiais você precisa dos policiais mais bem preparados, fisicamente, tecnicamente, que saiba nadar, que corre, que consegue carregar equipamentos, porque você é o último recurso. Quanto ao aspecto psicológico, acho que tudo que passei foi muito importante, você cria uma certa blindagem para operar mesmo cheio de problemas para resolver em casa ou em qualquer lugar. Imagina você desativando uma bomba pensando em outras coisas?(Entrevistado)

Superado o momento inicial de seleção dos candidatos que realmente querem ostentar o símbolo da “caveira”, as atividades do curso tomam uma conotação mais técnica, como relata o entrevistado, todavia, a exposição do aluno a experiências de dor e sofrimento físico e psicológico persistem até o final do curso, como estratégia de socialização ao novo grupo, como um meio para buscar o *esprit de corps* (MERTON, 1957; CASTRO, 1990). Segundo relata o entrevistado, há um claro incentivo dos instrutores para que as dificuldades sejam vencidas a partir da força do grupo – formado por todos participantes do curso.

É importante destacar que embora os alunos sejam de níveis hierárquicos diferentes na estrutura das organizações a que pertencem, ao ingressarem no curso recebem um número e passam a ser identificados por ele até o seu desligamento ou conclusão do curso, passando a ser tratado como iguais entre si. Tais estratégias e o relato do entrevistado demonstram o que é defendido por Van Maanen (1989, p. 60) de que o “sofrimento durante o processo de despojamento promove, por si só, uma forte solidariedade entre aqueles que se submeteram ao mesmo processo, para se tornarem membros da organização”, partindo-se da compreensão de que quem busca frequentar o curso de

operações especiais pretende integrar uma nova organização, a dos “caveiras” e precisam, portanto, “pagar o preço”, reforçando a tese do *“no pain, no gain”* de Harper (2006):

para ser caveira tem que sentir dor, tem que sofrer, ainda que no momento certo. Passei muito frio, passei muita fome. Você não sabe nem quanto tempo já se passou sem comer. Você perde a noção do tempo. Você acha que vai morrer se ficar mais uma hora sem comer, mas não vai. Mas eu permaneci, eu suportei, porque eu queria ser caveira. Eu queria me testar também, saber qual era meu limite, até onde eu podia ir. E ficava tranquilo, pois todas as atividades eram acompanhadas por profissionais de saúde (Entrevistado).

Por derradeiro, há de se considerar de que há evidências de que todo período de privações e testes pelos quais passam os alunos do curso de operações especiais, que acabam por submetê-los a dor e sofrimento, faz surgir neles o senso de que são diferentes, especiais, mais preparados em relação àqueles que não tiveram as mesmas experiências.

A mística da vitória sobre a morte (COTTA, 2012) é finalmente alcançada. Pois é assim que se sentem os alunos que completam o curso com aproveitamento, se formam, e recebem solenemente o símbolo do seu sucesso, marcando o nascimento dos novos “caveiras”.

A solenidade de formatura representa o que Van Gennep (1978) chamou de fase pós-liminar ou de agregação do indivíduo ao novo grupo, dentro do seu processo de socialização. Ao receberem o distintivo ou brevê de “caveira” é como se realmente significasse o nascimento de um novo “caveira”, que está surgindo o mais novo membro dessa irmandade de homens especiais, diferentes, que têm a responsabilidade de zelar inclusive pela honra dos demais, estejam onde estiverem:

Para mim [completar o curso] é a vitória da vida sobre a morte. Depois de tudo que passei, é extremamente gratificante se formar. Orgulho total. Orgulho principalmente por tudo que

COMO NASCE UM “CAVEIRA”: o Sofrimento como instrumento na formação de um policial de Operações Especiais de uma Corporação policial militar do Brasil

...você passa durante o curso. Acho que coisas como liderança sobre estresse, privação de sono, não ter onde dormir, tomar banho gelado, marcam definitivamente a vida da gente, te tornam melhor. Quando um policial ostenta a caveira significa que ele venceu a morte. Que ele foi testado em alguns limites e venceu. Limites físicos, psicológicos e venceu. [...] Ser caveira é uma responsabilidade muito grande. Quando você se forma é como se você passasse a fazer parte de uma irmandade de cursados em operações especiais. A partir do momento que você põe o brevê, significa que você foi testado em várias etapas, inclusive em integridade e honestidade, você possui disciplina consciente. Se você errar o perpetrador e acertar o refém, vai virar notícia mundial. Se for o policial convencional não, ele vai responder pelo homicídio, vai sair no jornal, mas não da forma que aconteceria com um operações especiais. A visão que você vai ter da Unidade vai ficar comprometida (Entrevistado).

Ao analisar o discurso presente na fala do entrevistado nota-se que há, não se sabe se inconscientemente, uma percepção sobre si mesmo de que é diferente em relação aos demais policiais que não passaram pelo curso de operações especiais e que é tão especial tanto quanto outro “caveira”, pois este passou pelos mesmos “sofrimentos” e, portanto, foi forjado pelo mesmo fogo, que o transformou e o sobrelevou em relação aos outros, num processo de purificação pela dor ou sofrimento (MORRIS, 1991).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente trabalho foi demonstrar a existência da utilização de estímulos que levem o indivíduo ou um grupo a experienciarem dor e sofrimento físico ou psicológico, de forma intencional ou deliberada, com o objetivo de formar policiais que atuam em atividades especiais de segurança pública nos denominados cursos de operações especiais. Esses cursos preparam os chamados “caveiras”, alusão ao símbolo que representa o grupo, constituído pela representação gráfica de um crânio humano trespassado por um punhal. Como significante, tem-se a vitória da vida sobre a morte.

Os achados da pesquisa evidenciam que há de fato a adoção de práticas deliberadas que visam a submeter os participantes do curso a situações dolorosas ou de sofrimento, mas não com finalidade sádica ou desrespeitosa – não há qualquer relato de desrespeito nas falas do entrevistado, embora tenha sido perguntado a respeito – mas sim com três objetivos que foram

claramente identificados: 1. o de selecionar os considerados merecedores de serem considerados caveiras; 2. o de reforço à inculcação da doxa (ROSA e BRITO, 2010), isto é, na introjeção de valores dos “caveiras” nos candidatos a membros do grupo; 3. o de valorização do curso e do símbolo que ele representa, como uma imposição de sacrifícios necessários à sua obtenção, em um rito de passagem ou de purificação (MORRIS, 1991; VAN GENNEP, 1978) que torna o portador do “selo” da “caveira” especial, diferenciado sob o crivo moral e profissional. Este, por sua vez, passa a ser percebido como digno de confiança, incorruptível e melhor preparado para as atribuições mais difíceis, não vencíveis pelos comuns.

Por fim, percebe-se que a dor ou sofrimento imposto durante este processamento (VAN MAANEN, 1978) na verdade não é uma imposição que implica na dominação completa do sujeito, no que poderia se considerar um processo de completa sujeição e perda da autonomia do participante do curso. Persiste nele, durante todo o curso, a consciência de que ingressou ali por sua livre e espontânea vontade e que pode deixar de “sofrer” quando quiser, mas não poderá ostentar o mesmo símbolo daquele que tenha suportado o rigor do treinamento até o fim. Há uma clareza para um candidato a “caveira” de que para sê-lo terá que passar pelo “fogo” do curso, logo ao neste ingressar ou permanecer constata-se a sua adesão à cultura do “roughie-toughie” e do “no pain, no gain” de Harper (2006).

COMO NASCE UM “CAVEIRA”: o Sofrimento como instrumento na formação de um policial de Operações Especiais de uma Corporação policial militar do Brasil

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ALBUQUERQUE, C. L.; MACHADO, E. P. **Sob o signo de Marte**: modernização, ensino e ritos da instituição policial militar. *Sociologias*, ano 3, n. 5, , p. 214-237, 2001.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2005.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1996.

BEYER, J.; TRICE, H. M. **Studying organizational culture through rites and cerimonials**. *Academy of Management Review*, vol. 9, n. 4, 1984.

BOTELHO, Paulo Roberto Storani. **“Vitória Sobre A Morte: A Glória Prometida”** O “rito de passagem” na construção da identidade dos Operações Especiais do BOPE. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2008.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BRASIL. **Portaria n. 012, de 12 de maio de 1998**. Aprova a Conceituação dos Atributos da Área Afetiva, para uso pelos Órgãos e Estabelecimentos de Ensino subordinados. Disponível em: http://www.decex.ensino.eb.br/port_/leg_ensino/3_avaliacao/5_port_012_DEP_12Maio1998_AtribAreaAfetiva.pdf. Acesso em: 04 Jul 2015.

BRASIL. **Centro de Instrução de Operações Especiais do Exército Brasileiro**. Disponível em: <http://www.cioesp.ensino.eb.br/index.html#epanel1-1>. Acesso em: 02 Dez 2019.

CAMARGO, A. **Os Usos da história oral e da história de vida**: trabalhando com elites políticas. *Revista de Ciências Sociais*, vol.

27, n. 1, p. 5-28, 1984.

CARMO, M. S. F.; OLIVEIRA, J. A. P.; ARRUDA, R. G. L. **O trabalho com resíduos pelos classificadores - o papel da semântica do**

lixo no reconhecimento social e identidade profissional. Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, Salvador, BA, Brasil, 30, 2006.

CASTRO, C. **O espírito militar:** um estudo de antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

COTTA, Francis Albert. **Breves reflexões sobre a simbologia do crânio transpassado pelo punhal de Comandos nas Forças Especiais de Polícia no Brasil.** Belo Horizonte: Curso de Especialização em Direitos Humanos. Centro de Pesquisa e Pós-Graduação da Academia de Polícia Militar de Minas Gerais, 2012.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho:** estudo de Psicopatologia do Trabalho. São Paulo: Cortez, 1998.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. 20.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GARCIA, Marcelo. **História das operações especiais militares e policiais.** 2 ed. Porto Alegre: Corag, 2011.

GOFFMAN, E. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional.** Editorial Kairós, 2012.

HARPER, Phil. **No pain, no gain:** pain behavior in the armed forces. British Journal of Nursing, vol. 15, n. 10, 2006.

MERTON, R. K. **Social Theory and Social Structure.** Glencoe, IL: Free Press, 1957, p. 195-206.

COMO NASCE UM “CAVEIRA”: o Sofrimento como instrumento na formação de um policial de Operações Especiais de uma Corporação policial militar do Brasil

MINAS GERAIS. Polícia Militar de Minas Gerais. **Edital para processo seletivo para admissão ao XVI curso de operações especiais – PMMG (COEsp/2015)**. Belo Horizonte: Portal da PMMG, 2015. Disponível em: <http://pmmg.mg.gov.br/crs>. Acesso em: 04 Jul 2015.

MORAIS, L. L. P.; PAULA, A. P. P. **Identificação ou resistência? Uma análise da constituição subjetiva do policial**. Revista de Administração Contemporânea, v. 14, n. 4, art. 4, p. 633-650, 2010.

MORRIS, D.B. **The Culture of Pain**. Berkeley: University of California Press, 1991.

ROSA, A. R.; BRITO, M. J. **“Corpo e Alma” nas organizações: um estudo sobre dominação e construção social dos corpos na organização militar**. Revista de Administração Contemporânea, v. 14, n. 2, art. 1, p. 194-211, 2010.

TOMEI, P. A. E BRAUNSTEIN, M. L. **Cultura organizacional e privatização**. São Paulo. Makron Books. 1993.

VAN MAANEN, J. **Police socialization: a longitudinal examination of job attitudes in an urban department**. Administrative Science Quarterly, n. 20, p. 207-228, 1975.

VAN MAANEN, J. **Processando as pessoas: estratégias de socialização organizacional**. In: FLEURY, M. T. L. & FISCHER, R. M. Cultura e poder nas organizações. São Paulo. Atlas. 1989.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

ZBOROWSKI, M. **People in Pain**. San Francisco (EUA): Jossey-Bass Ltd., 1969.